

periência interior”, ele povoa o espaço de seus passos com criaturas fantasmáticas, mais verdadeiras do que os seres com quem cruzamos na rua. Sua Lisboa é um labirinto espiritual, mágico e maldito, por onde ele erra em busca de sensações, de impressões, de verdades, de encantamentos e de metamorfoses. A única saída que poderá revelar-se é o mito. A Lisboa de Pessoa é a de Ulisses, lendário fundador epônimo da cidade (*Olisipo*), o primeiro “que aqui aportou”.⁶ É a de Vasco da Gama e dos demais navegadores da época dos Descobrimientos, os quais partiam do porto de Belém; a de D. Sebastião, o rei “encoberto” à espera do momento em que irá reaparecer, numa manhã de nevoeiro, no estuário do Tejo, para reatar o destino português interrompido e fundar o “Quinto Império”, que é a reconquista do sentido da vida. Visitar Lisboa nas pegadas de Pessoa não é seguir o empregado de uma agência de turismo, ainda que este pretenda, como no livrinho inglês, ser o próprio poeta; é deixar-se guiar por ele, como Dante por Virgílio, numa exploração em que o sonho irá constantemente misturar-se com a realidade.

Esse espaço de seu trabalho e de seus dias, e simultaneamente de seus sonhos, é de dimensões espantosamente restritas: uma estreita faixa de tecido urbano ao longo da margem do Tejo, do Castelo de S. Jorge, a leste, até o cais de Alcântara, a oeste. Vão apenas quinhentos metros em linha reta desde o berço, no Largo de S. Carlos, até seu leito de morte, no Hospital de S. Luís dos Franceses, no Bairro Alto, e nem mais um palmo desde o Rossio até a Praça do Comércio, que lhe delimitam o perímetro habitual das deambulações a norte e a sul. O peregrino apaixonado em busca de recordações poderá encontrar-lhe o rasto um pouco por toda a parte: no café Martinho da Arcada, onde sua mesa continua vazia; na Brasileira do Chiado, onde se pode pedir um café do lado de fora, ao pé dele — com seu fantasma corporalizado em bronze; nas ruelas que descem da Praça de Camões até o Tejo; e sobretudo nas ruas retilíneas da Baixa, o quarteirão comercial reconstruído pelo marquês de Pombal após o terremoto de 1755; aí, como alguém disse, o pavimento parece ter-lhe guardado a marca dos passos. Almocei recentemente no Restaurante Pessoa, na Rua dos Douradores, o qual existe desde o século passado; a ele o poeta ia por vezes, sem dúvida por achar graça na homonímia. Foi

⁶Pessoa, 72.

ela que lhe deu a idéia de situar o escritório do narrador do *Livro do Desassossego* na Rua dos Douradores.

É preciso andar mais ao longo do Tejo, em direção ao mar, para chegar ao Mosteiro dos Jerônimos, que serve de panteão, para além do Panteão tradicional de Santa Engrácia. No pequeno guia que escreveu, Pessoa, depois de ter apresentado o Mosteiro como o monumento mais bonito de Lisboa, chama particularmente a atenção do visitante para dois túmulos: o de Vasco da Gama e o de Camões, heróis respectivamente da história e da cultura portuguesas. Se o guia fosse atualizado, deveria mencionar-lhe também o próprio túmulo. Em 13 de junho de 1985, ao lhe celebrarem o cinquentenário da morte, mas no dia do nascimento, arrancaram-lhe o corpo do pauto cemitério citadino onde jazia, o Cemitério dos Prazeres (é assim mesmo que se chama), para o transferirem com grande pompa para os Jerônimos. A lápide que se ergue no claustro tem inscrição gravada no mármore, a ode de Ricardo Reis, datada de 14 de fevereiro de 1933:

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.”*⁷

Só a glória póstuma conseguiu pois afastá-lo do centro da cidade, que para ele era quase um segundo corpo, ainda que nem sempre se sentisse bem nele, ora largo, ora por demais apertado. Porque para ele a grande questão foi sempre, precisamente, encontrar para o espírito uma morada na terra.

Pessoa viveu pouco mais de 47 anos: cerca de 17 mil dias. Essa vida, relativamente curta, desenrolou-se sob o signo da espera e da urgência, o que se poderia resumir com a fórmula de Rimbaud, “uma ardente paciência”: o contrário da “despreocupação agitada” que hoje chamamos velocidade. “*The slowness of our life is such that we do not consider ourselves at forty. The speed of vehicles has taken the speed out of our souls. [...] We do not work enough and we pretend to work*

⁷Reis, 82.